

## **A POESIA HOMÉRICA COMO INSTRUMENTO EDUCADOR FUNDAMENTAL NA GRÉCIA ANTIGA**

MURARI, Juliana Cristhina (UEM)

PEREIRA MELO, José Joaquim (Orientador/UEM)

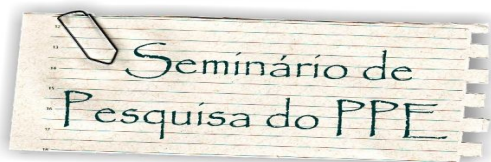
*Agência Financiadora – CAPES*

### **Introdução**

Hoje muitos se indagam sobre a importância da leitura dos textos clássicos, questionam sua relevância, e colocam em pauta se já não podem considerá-los como obras ultrapassadas. Mas quando trata-se da Grécia antiga, se torna inevitável a busca pelo auxílio desse tipo de literatura, especialmente dos poemas homéricos: *Ilíada* e *Odisséia*. Os poemas épicos homéricos são considerados as primeiras obras de literatura grega, e estes, por sua vez, abriram portas para outros grandes poemas clássicos. A constituição do mito, vinculado a um passado de glórias, associado à escrita, colaborou decisivamente para a formação da literatura grega, e também contribuiu para as posteriores composições literárias.

Ainda que esse tema possa despertar múltiplas abordagens, é preciso esclarecer que a preocupação deste trabalho será entender a poesia como fenômeno educador fundamental da Grécia antiga. Pois, na Grécia antiga, poesia e educação coincidem, sendo que o cantar e o ouvir os cantos dos poetas se constituem em método de ensino e se insere em uma relação não de apresentador e ouvinte, mas sim na de educador e educando.

Nesse sentido, a educação grega, buscou organizar um ideal de educação que enquadrasse o homem dentro de uma comunidade, formando assim a idéia de cultura, na qual, a educação elaborou todo um significado preñado de sentidos que seriam



absorvidos pela cultura ocidental. Segundo Jaeger<sup>1</sup> toda educação é o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana. A educação participa da vida e do crescimento da sociedade, tanto no seu desenvolvimento exterior quanto no seu desenvolvimento espiritual.

Ao abordar nesse texto a importância da leitura de tais obras o nosso objetivo é destacar como esses poemas são importantes meios de acesso para elucidar as antigas tradições gregas, e o modo como elas se tornaram a base da formação da cultura daquela civilização. Civilização essa que serviu de exemplo para muitos povos posteriores, tal como o nosso.

Não se sabe com certeza quando *Ilíada* e *Odisséia* foram escritos pela primeira vez, mas no século VI a.C., já havia muitas cópias escritas deles, e tornaram-se extremamente populares; preservando assim a história da cultura e do ideal educacional grego, tornando possível que esses ainda se façam estudados na atualidade. A educação ocidental desde o seu nascimento até hoje recebe influências desse modo grego de educar, e não só no campo da educação encontramos influências, mas também no que diz respeito à política, a arte, enfim, em muitos outros aspectos culturais.

### **O surgimento da escrita e a formação histórica da *Ilíada* e da *Odisséia***

Atribui-se a *Ilíada* e a *Odisséia* o título de mais antigo documento de literatura grega, e como se sabe consagra-se Homero como o autor dessas obras. Ambas fazem referência a um tempo histórico que compreende entre os séculos IX e VIII a.C. destacam-se como acontecimentos significativos, nesse período, o estabelecimento gradual da polis e o domínio da escrita. Esses acontecimentos foram fundamentais na estruturação da *Ilíada* e da *Odisséia*. A discussão sobre esses poemas gregos arcaicos traz como exigência traçar, ainda que resumidamente, um esboço histórico de como se constituiu o povo

---

<sup>1</sup> JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. (Trad. Artur M. Parreira). São Paulo: Martins Fontes, 1986. 4 p.

grego, até a formação da cultura micênica que proporcionou o surgimento dessas epopéias.

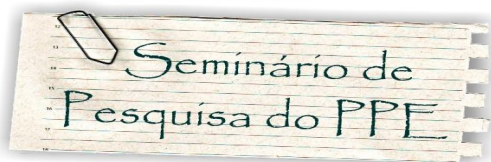
Os gregos fazem parte de um conjunto de povos denominados Indo-Europeus, que a partir do terceiro milênio migraram em diversas direções, uns se direcionaram para a Ásia e outros permaneceram na Europa, tal como afirma Brandão<sup>2</sup>. Essas migrações proporcionaram a independência entre os grupos e, como nômades, esses desenvolveram distintas expressões lingüísticas e culturais. No que diz respeito aos gregos e a sua composição, pode-se falar que aqueles que habitaram a Hélade, e depois ficaram conhecidos como helenos, formaram-se por quatro povos: jônios, aqueus, eólios e dórios. Esses chegaram à Grécia em séculos muito dispersos, tendo cada um deles uma organização social e a cultura distinta.

Entre esses povos o que mais nos interessa aqui são os aqueus, tal povo invadiu a Grécia por volta de 1600-1580 a.C. Os aqueus dominaram Creta que era a grande potência política e econômica da época. Os habitantes de Creta, os cretenses, eram o antigo povo jônio, já tinham desenvolvido toda uma organização social, cultural, política e habilidades marítimas, que implicavam em relações comerciais muito significativas. Com a invasão de Creta pelos Aqueus, e a assimilação de sua cultura, origina-se a civilização micênica.

O período denominado micênico é uma subdivisão temporal da chamada Idade do bronze, também conhecido por período Heládico final. Essa cultura desenvolveu-se por volta de 1600 a.C e 1050 a.C, e dominou economicamente e culturalmente todos os povos do mediterrâneo oriental. Sua mais importante contribuição foi o desenvolvimento do dialeto jônio que proporcionou o surgimento da *Ilíada* e da *Odisséia*. Os micênicos utilizavam uma forma de escrita denominada Linear B, que foi desenvolvida a partir da escrita utilizada anteriormente em Creta conhecida como Linear A. A escrita do período micênico é usada somente como fins de registro, listas de

---

<sup>2</sup> BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 45 p.



funcionários ou trabalhadores, eram utilizadas para fins administrativos, tal como nos apresenta Baldry<sup>3</sup>.

Com as invasões dórias por volta do século XII a.C., a civilização micênica foi destruída, a escrita desapareceu assim como o comércio e as artes.

Desapareceu a arte da escrita, os centros poderosos ruíram, as guerras insignificantes eram permanentes, tribos e grupo pequenos deslocaram-se dentro da Grécia e para leste, atravessando o Mar Egeu em direção a Ásia Menor, e os níveis material e cultural empobreceram em todos os aspectos, se comparados a civilização micênica.<sup>4</sup>

Os aqueus regressam a Ásia Menor expulsos pelos seus novos conquistadores, os dórios. De acordo com Brandão<sup>5</sup> os aqueus assim como os jônios e os eólios voltam a Ásia como suplicantes, como imigrantes nostálgicos que cultuavam o seu passado de glórias. Mesmo voltando vencidos a terra que seus antepassados conquistaram, esses povos levavam consigo esse sentimento de orgulho referente às antigas conquistas e ao passado cheio de riquezas.

O período denominado Idade das Trevas da Grécia corresponde a um momento de retrocesso tanto cultural, como social ou econômico. Nessa época os poemas homéricos tornaram-se fundamentais na vida cotidiana, enquanto instrumentos para incitar a coragem, a esperança e a preservação de valores tradicionais.

Portanto, foi nesse cenário de conflito e contradição, próprias de um período de transição que a *Ilíada* e a *Odisséia* foram transformadas pelos aedos e poetas em veículos das lembranças e do orgulho, remetendo-o seus jovens a uma descendência heróica da qual eles podiam se orgulhar, e até mesmo como acalento quando em período de lutas, escassez de alimentos, ou quando em condições difíceis.

<sup>3</sup> BALDRY, B. C. **A Grécia Antiga: cultura e vida**. (Trad. Mario Matos e Lemos). Lisboa: Verbo, 1969. 29 p.

<sup>4</sup> FINLEY, M. I. **O legado da Grécia**. (Trad. Ivette V.P. de Almeida). Brasília: EdUnB, 1998. 14 p.

<sup>5</sup> BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 105 p.

Os poemas homéricos eram transmitidos oralmente, os versos da *Ilíada* e da *Odisséia* foram cantados pelos aedos e pelos poetas, geração após geração, reproduzindo os valores fundamentais para aquela comunidade. Segundo Finley por detrás da *Ilíada* e da *Odisséia*, há séculos de poesia oral, composta, recitada e transmitida por bardos profissionais, sem o auxílio de uma só palavra escrita <sup>6</sup>.

Devido a essa oralidade a poesia estava sempre em constante movimento e crescimento, pois, cada um, que cantava o poema o fazia ao seu particular modo, acrescentando algumas coisas e modificando outros. De acordo com Brandão<sup>7</sup>, a poesia micênica não é de modo algum estática. Sem o apelo à escrita, sendo somente preservada pela memória, ela se torna suscetível a mudanças. Nos dizeres de Baldry<sup>8</sup> nesse recordar o antigo em conjunção com a necessidade de improvisar um novo material tornam-se as características principais da narrativa de Homero. A estrutura hexâmetra, que possivelmente nunca foi usada na fala corrente, foi adaptada pelos cantores para seguir uma estrutura métrica, preenchendo o verso hexâmetro.

Vale lembrar que as epopéias homéricas retratam em seus cantos a vida, os costumes, a organização, entre tantos outros, da população micênica, sendo fontes básicas para o estudo dessa civilização. Privilegiada, nessa direção, são as informações sobre guerreiros, famílias aristocratas, que buscavam suas descendências até um fundador herói ou com procedência divina. Essa atribuição de poder por meio de uma descendência heróica ou divina pode ser facilmente observável em muitas passagens da *Ilíada*. Segundo Rostovtzeff<sup>9</sup> a tradição grega conserva o registro de duas delas: a guerra de Micenas contra Tebas e da coligação micênica dos aqueus contra Tróia, celebrada por Homero em sua *Ilíada*.

<sup>6</sup> FINLEY, M. I. **O legado da Grécia**. (Trad. Ivette V.P. de Almeida). Brasília: EdUnB, 1998. 17 p.

<sup>7</sup> BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 118 p.

<sup>8</sup> BALDRY, B. C. **A Grécia Antiga: cultura e vida**. (Trad. Mario Matos e Lemos). Lisboa: Verbo, 1969. 30 p.

<sup>9</sup> ROSTOVITZEFF, M. **História da Grécia**. (Trad. Edmond Jorge). Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 52 p.

Outra questão a se considerar diz respeito ao fato de Homero relata em seus poemas eventos muito anteriores do que de sua própria época. Encontra-se fragmentos de acontecimentos que podem ter ocorridos em meados do século XIII a.C., até o século VIII a.C., Sendo assim, nessas epopéias encontra-se inúmeros cantos que fazem referência a momentos distintos da história grega, desde um passado glorioso a um presente que representa-se conflituoso. Por isso, contesta-se a real existência de Homero e a legitimidade de suas obras. Ainda que a tradição tenha adotado-o como o autor da *Ilíada* e a *Odisséia*, há vários questionamentos sobre sua existência ou não. Argumenta-se se o poeta criou algo novo ou foi só o relator de mitos já previamente existentes. No entanto, a principal questão que se coloca entre os estudiosos, assim como Vico e Wolf, é se teria sido ou não Homero o autor de ambas as obras, pois é visível que a *Ilíada* e *Odisséia* dizem respeito a períodos distintos da história grega.

### **A poesia épica e seu fundamento educativo**

É com Homero que aparecem os primeiros registros sobre educação, que dão as bases ou a gênese da futura história da educação. A importância universal dos gregos como educadores deriva da sua concepção do lugar que o indivíduo devia ocupar em sociedade.

Para uma maior compreensão desse processo, costuma-se dividir a educação grega em dois períodos: o chamado período homérico e período histórico. Foi no primeiro período que desenvolveu o sistema educacional, herdado pelas gerações posteriores. Nesta época a educação era voltada, sobretudo para a prática de atividades físicas, era uma educação que consistia essencialmente num treino de atividades práticas definidas. Importa lembrar que a educação do chamado período homérico, não tinha nenhuma organização institucional específica. Os ensinamentos sobre aquilo que era minimamente necessário para a vida eram aprendidos em casa, no convívio familiar e com pessoas próximas: os jovens aprendiam aquilo que praticamente não poderiam viver sem saber, quando adultos. Nas guerras, e nos conselhos, nas assembléias, na

polis, nesse exercício entravam em contato com aquilo que era preciso saber no que diz respeito à vida pública.

Contudo, além das atividades físicas, a educação homérica trouxe consigo a gênese da teoria do desenvolvimento da personalidade, o que compreendia um duplo ideal formativo: o homem de ação e de sabedoria, o que constituiu-se no o núcleo da educação grega.

Homero no dizer de Platão foi “o educador da Hélade” (thn Hlada pepaideuken).<sup>10</sup> De fato, Homero deu ao povo grego, juntamente com a paidéia, a língua, as artes e a fé religiosa nos seus deuses olímpicos. A *Ilíada* e a *Odisséia* são os textos de base da paidéia grega. Nos mitos homéricos encontra-se personagens de extrema bravura, honestidade, sabedoria e um elevado senso de justiça, a exemplo de Aquiles, Ulisses e Heitor que se tornaram heróis modulares para os gregos, que deveriam buscá-los como exemplo. O homem grego aprende desde a mais tenra idade a respeitar os seus deuses e a crer em seus mitos. Esse modelo educativo, que recorria a essas histórias ainda que fantásticas, objetivavam a formação de um cidadão ético, justo e sábio, portanto, a formação de homem aristocrata. Os heróis encontrados na *Ilíada* e na *Odisséia* incorporam as características fundamentais de ser humano da época, do seu ethos.

Justamente por prescrever regras e determinados modos de viver é que os textos homéricos tornam-se fenômenos estruturadores da cultura grega, fixando-se como o núcleo da educação daquela sociedade.

Segundo Jaeger o coração do poeta está com os homens que representam a elevação da sua cultura e costumes, e isso se percebe passo a passo. A contínua exaltação que faz das suas qualidades tem, sem dúvida, uma intenção educativa. (...) A posição e o domínio preeminente dos nobres acarretam a obrigação de estruturar os seus membros desde a mais tenra idade segundo os ideais válidos dentro de seu círculo. A educação converte-se aqui, pela primeira vez, em formação,

---

<sup>10</sup> PLATÃO, *República*, X, 606 e



isto é, na modelação do homem integral de acordo com um tempo fixo.<sup>11</sup>

As diferenças sociais, culturais e políticas são explícitas. A *Odisséia* em relação à *Ilíada* representa uma posteridade histórica. Isso se faz perceptível na organização social da cidade de Ulisses, nos seus modos, e na sua polidez, nos costumes e nas tradições. Um exemplo é a necessidade da rainha Penélope escolher um novo marido, já que o seu encontra-se a muitos anos longe da casa. Em todas as relações interpessoais percebe-se que se trata de um povo já mais refinado e politicamente desenvolvido.

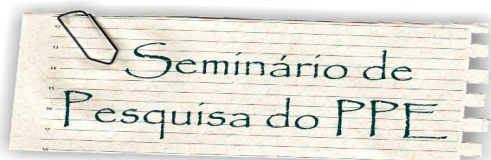
Para Jaeger (1986, p.40) o primeiro poema nos apresenta o estado absoluto de guerra, tal como devia ser no tempo das grandes migrações das tribos gregas. A *Ilíada* representa um tempo onde os valores ideais estavam centrados na coragem e na honra, incluindo sempre a força bruta. Já a *Odisséia* percebe-se um tempo de paz, retrata o pai e marido que precisa voltar a sua pátria e reassumir o seu papel na família e na sociedade. Enquanto em um momento temos os sentimentos aflorados e o homem guiado sempre pelos seus apetites, no outro o homem já se encontra desenvolvendo a sua razão, e é por ela que ele está destinado a vencer suas dificuldades. A maior arma de Ulisses é a razão, não a razão que seria desenvolvida posteriormente pela filosofia, mas uma razão estritamente ligada à prudência, a engenhosidade, a percepção. Ulisses é astuto, e sagaz, e através desses atributos que ele se mantém vivo, como no episódio em que engana Polifemo.

Na *Ilíada*, a figura do guerreiro é central. O comportamento do homem não está voltado para a vida pública, em sociedade, mas para suas atitudes na guerra. A figura do herói nesses poemas está sempre inserida em alguma batalha e o que determina suas virtudes é sua bravura, lealdade, coragem e espírito de liderança. Segundo Jaeger para o herói a luta e a vitória são a distinção mais alta e o conteúdo próprio da vida.

---

<sup>11</sup> JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. (Trad. Artur M. Parreira). São Paulo: Martins Fontes, 1986, 44 -45 p.





Os heróis da *Ilíada*, que se revelam no seu gosto pela guerra e na sua aspiração à honra como autênticos representantes da sua classe, são, todavia, quanto ao resto da sua conduta, acima de tudo grandes senhores, com todas as suas excelências, mas também com todas as suas imprescindíveis debilidades. É impossível imaginá-los vivendo em paz: pertencem ao campo de batalha. Fora dele só os vemos nas pausas do combate, nas suas refeições, nos seus sacrifícios, nos seus conselhos.<sup>12</sup>

O cenário dos poemas é sempre composto por lutas onde o mais valente e é aquele mais respeitado por todos. Pode-se dizer que esse modelo é reflexo da vida daquele tempo, corresponde historicamente a um período em que a civilização ainda não estava consolidada; o homem dessa época se via constantemente em guerra, suas tribos migravam sempre e lutavam entre si.

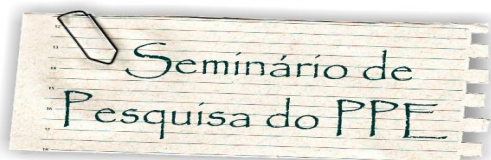
Na *Odisséia* encontra-se um cenário diferente; efetivamente, Ulisses aparece como um rei, um marido e um pai que deseja regressar à sua casa. Nota-se o refinamento de Ulisses e dos pretendentes de Penélope. Através das manifestações culturais como o comer, o beber, o cantar ou celebrar, percebe-se o quanto o mundo grego já está consolidado e o homem, e também a figura do herói, está muito mais centrada em sua casa do que na guerra. Agora ele tem uma terra natal, fixa e para ela vive envolto em muitos costumes, como as libações que esse deve fazer aos deuses, ou o respeito à tradição, ou a rainha que tem obrigatoriamente de escolher um novo rei já que Ulisses está ausente há mais de vinte anos. O homem se vê dentro de uma cidade, de uma comunidade onde prevalecem leis jurídicas e regras morais.

Na *Ilíada* há o herói na batalha, na *Odisséia* ele aparece após ela. Diz Jaeger:

A nobreza da *Odisséia* é uma classe fechada, com intensa consciência dos seus privilégios, do seu domínio e dos seus costumes e modos de vida refinados. Em vez das grandiosas paixões das figuras sobre-humanas e dos trágicos destinos da

---

<sup>12</sup> JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. (Trad. Artur M. Parreira). São Paulo: Martins Fontes, 1986, 41 p.



*Ilíada*, deparamos no novo poema com grande número de figuras de estatura mais humana.<sup>13</sup>

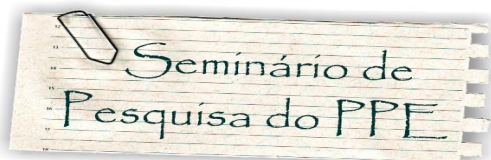
Nesses dois poemas vê-se claramente o que Homero concebia como expressão de seu próprio pensamento conjugado com a realidade por ele percebida. Há aqui uma passagem do “primitivo” para o já “civilizado”, onde o guerreiro é substituído pelo cidadão polido. Homero ao ressaltar as características do herói, enquanto força bruta na *Ilíada* e astúcia na *Odisséia* mostra sua preocupação e o objetivo da sociedade em dois momentos diferentes. A clara mudança do predomínio guerreiro para o cidadão revela um desenvolvimento dentro de um determinado período histórico, apontando para um diferente ideal de homem.

Homero, conforme já mencionado, foi o educador primeiro da Grécia. Ele guiou durante muitos séculos o modo pelo qual os jovens deveriam se comportar e o que deveriam aprender para estarem prontos para a vida em um ambiente coletivo. Mesmo depois de a Grécia procurar sobrepor ao pensamento mítico o pensamento filosófico, as pessoas ainda recorriam aos poemas para idealizar modelos de virtude, justiça e coragem. Quando se procura mostrar homens dignos e merecedores de glória, ontem como hoje, recorre-se às figuras heróicas, como Aquiles e Ulisses, no passado e às personagens marcantes de hoje.

## Conclusão

Desse modo, Homero, através de seus poemas acima mencionados, poemas esses que eram transmitidos pela oralidade através das gerações criou um ideal de homem, produziu uma espécie de arquétipo que deveria ser seguido por todos os homens. Nos mitos homéricos encontramos dois personagens que deveriam nortear a educação dos jovens na Grécia são eles: Aquiles e Ulisses, que correspondem conseqüentemente às duas obras atribuídas a Homero: *Ilíada* e a *Odisséia*. Esses dois personagens representavam um ideal de virtude, bravura, temperança, poder e sabedoria. A figura

<sup>13</sup> JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. (Trad. Artur M. Parreira). São Paulo: Martins Fontes, 1986, 43 p.



desses heróis, muitas vezes comparados aos deuses, representava um modelo que deveriam ser seguidos por todos; os jovens deveriam procurar ser iguais aos seus modelos e era principalmente nisso que consistia a educação homérica. *“Para Homero e para o mundo da nobreza desse tempo, a negação da honra era, em contrapartida, a maior tragédia humana. Os heróis tratavam-se mutuamente com respeito e honra consoantes. Assentava nisso toda a sua ordem social.”*<sup>14</sup>

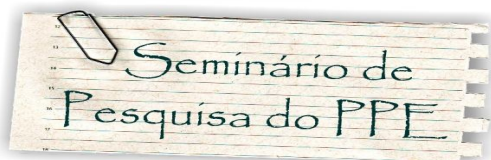
Esse ideal de um homem que é bravo, astuto, bondoso, piedoso, continua mesmo depois que os ideais filosóficos estão inseridos no contexto grego. Os gregos eram contra aos excessos da vida; um bom homem deveria ser sempre guiado pela temperança, isto é, pela exata medida, nunca errar pela falta ou pelo excesso, tudo deveria ter uma exata medida entre os extremos.

Pode-se concluir que Homero apesar de suas diferenças estruturais na *Ilíada* e na *Odisseia*, formou o ideal pedagógico da Grécia. Esse que influenciou em todo o pensamento ocidental e perpetuou até a contemporaneidade. O modelo criado por esse poeta foi usado para educar milhares de gregos ao longo dos séculos e até hoje os heróis presentes nos mitos são buscados quando se precisa de um exemplo de homem completo, verdadeiro, possuidor de todas as características que compõe o homem perfeito, ideal.

Aquilo que eles concebiam como valores necessários em um homem para viver em sociedade, são alguns dos valores que faltam hoje em dia. Ideais de virtude, temperança e justiça são atributos fundamentais que os jovens deveriam aprender e que hoje faltam na educação. Esses valores não são muito comuns nos dias de hoje; o ensino não é mais direcionado para a virtude e, às vezes, tem-se a impressão que esses valores, para muitos dos jovens de hoje não significam muito, pois não são mais enfatizados no processo pedagógico e correm o perigo de seu sentido esvair-se. Talvez seja o momento de se começar, ou melhor, se continuar a repensar o ato pedagógico e não se esquecer de

---

<sup>14</sup> JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. (Trad. Artur M. Parreira). São Paulo: Martins Fontes, 1986, 31 p.



vinculá-lo a alguns valores éticos e morais os quais, ao lado dos valores intelectuais, possam dar um fundamento mais profundo e duradouro ao ato do conhecimento e da formação do futuro adulto que deve sempre ser agente de ação propositiva na Sociedade.

## REFERÊNCIAS

BALDRY, B. C. **A Grécia Antiga: cultura e vida.** (Trad. Mario Matos e Lemos). Lisboa: Verbo, 1969.

BLEGEN, C. W. **Tróia e os troianos.** Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

BONNARD, A. **A Civilização Grega.** (Trad. José Saramago). Lisboa: Edições 70, 1980.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FINLEY, M. I. **O legado da Grécia.** (Trad. Ivette V.P. de Almeida). Brasília: ed.UnB, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Gregos Antigos.** (Trad. Arthur Mourão). Lisboa: Edições 70, 1963.

HAMILTON, E. **A Mitologia.** (Trad. Maria Luisa Pinheiro). Lisboa: Dom Quixote, 1983.

HOMERO. **A Odisséia.** (Trad. Fernando C. de Araújo Gomes). São Paulo: Ediouro, 2004.

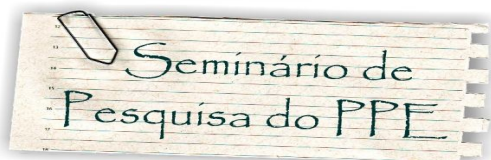
HOMERO. **Ilíada.** (Trad. Carlos A. Nunes). São Paulo: Tecnoprint, s/d.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego.** (Trad. Artur M. Parreira). São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LARA, Tiago Adão. **Caminhos da razão no ocidente: a filosofia nas suas origens gregas.** Petrópolis: Vozes 1989.

MONROE, Paul. **História da educação.** (Trad. Idel Becker). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

MORAIS, Regis de. **As razões do mito.** Campinas: Papirus, 1988.



PEREIRA, Maria Helena da rocha. **Estudos de história da cultura clássica**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

ROSTOVTZEFF, M. **História da Grécia**. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. (Trad. Isis B.B. da Fonseca). São Paulo: Difel, 1984.

\_\_\_\_\_. **Mito e pensamento entre os gregos**. (TRADUTOR) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **O homem grego**. (Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo). Lisboa: Editorial Presença, 1993.

\_\_\_\_\_ e NAQUET, Pierre Vidal. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. (Trad. Anna Lia A. de Almeida Prado e outros). São Paulo: Brasiliense, 1988.